



PROCESSO DE TRABALHO DA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL NOS SERVIÇOS DE ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE COM A INSERÇÃO DO ESTAGIÁRIO DA GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA

Patrícia Meinhardt Justo
Patrícia Flores Rocha
Ramona Fernanda Ceriotti Toassi

Resumo

O artigo trata de pesquisa qualitativa (estudo de caso) cujo objetivo foi analisar a presença do estagiário, estudante de graduação em Odontologia, no período do estágio curricular em relação ao processo de trabalho da equipe de saúde multiprofissional na Atenção Primária à Saúde (APS). A coleta de dados aconteceu por meio da realização de entrevistas individuais semiestruturadas gravadas e transcritas. A amostra foi intencional por saturação (10 estudantes e 10 preceptores). Os dados foram interpretados por meio da análise de conteúdo de Bardin. O estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa. Os resultados mostraram que a presença dos estagiários nos serviços de APS possibilita uma atualização permanente dos trabalhadores da saúde que convivem com esses estudantes. O perfil questionador do estudante de graduação instiga a equipe a refletir sobre o fazer saúde e a buscar a melhoria do processo de cuidado. O estudante engajado à equipe pode ser um facilitador do atendimento clínico odontológico por agregar a equipe de saúde bucal da Unidade de Saúde. As vivências anteriores na graduação e a maneira de se relacionar com a equipe vão influenciar no processo de aceitação ou integração deste estagiário, tanto pelos profissionais da saúde como pela comunidade que acessa o serviço. A presença do estagiário tem potencial para afetar o processo de trabalho das equipes de saúde por trazer conhecimentos atualizados, propiciando uma atualização permanente dos trabalhadores do SUS; por instigar a equipe a repensar sobre o fazer saúde e pela busca da melhoria dos serviços para seus usuários (perfil observador e problematizador do estagiário); por potencializar a atenção à saúde bucal oferecida aos usuários do SUS, além de fortalecer o processo de trabalho ao conseguir estabelecer vínculos com a equipe e com os usuários.

Palavras-chave: Ensino em Odontologia. Saúde Pública. Atenção Primária à Saúde. Sistema Único de Saúde.

1 INTRODUÇÃO

A Constituição Federal de 1988, ao incluir saúde como direito de todos e dever do Estado (BRASIL, 1988), lançou as bases constituintes do Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro. A construção desse novo modelo de atenção à saúde, voltado para as demandas sociais, tornou necessária a reflexão sobre o perfil do profissional que está sendo formado no país para atender aos princípios do SUS.

Durante um longo período, a formação de recursos humanos em saúde, no Brasil, esteve centrada na formação técnica individualista, não levando em conta as demandas sociais e a saúde coletiva. Os currículos eram fragmentados e a integração dos conteúdos, de responsabilidade dos estudantes (BAUMGARTEN; TOASSI, 2013). Tal situação fez com que a Odontologia tenha sido alvo de críticas por privilegiar aspectos excessivamente técnicos, em vez dos humanos e sociais (ALMEIDA; ALVES; LEITE, 2010).

Em fevereiro de 2002, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos cursos de graduação em Odontologia traçaram um perfil generalista do profissional a ser formado no Brasil, enunciaram habilidades e competências a serem observadas na organização curricular das Instituições de Educação Superior do país e introduziram o desafio da formação em Odontologia a estar em sintonia com o desenvolvimento do sistema de saúde (BRASIL, 2002; MORITA; HADDAD, 2008). As DCN estabeleceram, ainda, no artigo 7º, os estágios curriculares supervisionados, garantindo o desenvolvimento destes de forma articulada, com complexidade crescente ao longo do processo de formação do cirurgião-dentista, devendo atingir 20% da carga horária total do curso. Entende-se esse estágio como um dispositivo para fomentar a relação ensino e serviços, ampliar as relações da universidade com a sociedade e colocar o futuro profissional em contato com as diversas realidades sociais (BRASIL, 2002).

Quando os estágios curriculares supervisionados acontecem no espaço dos serviços públicos de saúde, ou seja, do SUS, esses têm se constituído em uma oportunidade fundamental de consolidação do espaço pedagógico, capaz de enfrentar, positivamente, os desafios lançados pelas DCN para os cursos de graduação em Odontologia, com potencial para se alcançar um perfil profissional com consciência crítica e capacidade de compreender a realidade, bem como intervir sobre ela (WERNECK et al., 2010).

De acordo com as DCN, o curso de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), desde 2005, reorganizou seu currículo no sentido de integrar atividades acadêmicas com o mundo do trabalho no SUS. A reestruturação do currículo obedeceu aos princípios do SUS de formar um profissional generalista, humanístico e reflexivo, estabelecendo um ensino mais integrado às demandas sociais. Houve aumento significativo de carga horária para a realização dos estágios no SUS, o que aproximou o estudante dos serviços de Atenção Primária à Saúde (APS), com maior oportunidade de inserção em Unidades Básicas de Saúde (UBS). Os estágios curriculares supervisionados ocorrem no 9º semestre (serviços de APS) e 10º semestre (serviços de média e alta

complexidade e gestão do SUS), último ano da graduação, num total de 465 horas de duração cada um deles. No estágio na APS, os estudantes dispersam-se em UBS do município de Porto Alegre, em cinco turnos semanais, respaldados por um preceptor cirurgião-dentista trabalhador desse serviço. As atividades acadêmicas, na Universidade, ocorrem em um turno semanal sob a orientação de um professor tutor, compreendendo debates temáticos com palestrantes convidados e docentes, realização de seminários, discussão de projetos terapêuticos singulares, relatos e discussões de vivências, oficinas de integração ensino-serviço e apresentação e discussão dos relatórios de estágio (WARMLING et al., 2011).

Estudos sobre os estágios de vivência nos serviços de APS mostram sua contribuição para o trabalho em equipe multiprofissional que prioriza o campo relacional para o fortalecimento da tomada de decisões, reflexão sobre a produção do cuidado em saúde e também a formação de profissionais que possam responder adequadamente às necessidades dos usuários e do comprometimento social previsto pelo SUS (TOASSI; DAVOGLIO; LEMOS, 2012; TOASSI et al., 2013; BAUMGARTEN; TOASSI, 2013). Esses estágios igualmente possibilitam a motivação para a integração entre os campos da clínica e da saúde coletiva, assim como para uma clínica ampliada, humanizada e comprometida com os aspectos socioculturais, levando o estudante a uma análise mais subjetiva na escuta das questões dos pacientes, construindo novos sentidos e outras formas de pensar o trabalho (WARMLING et al., 2011). Com o estágio nos serviços, o estudante passa a conhecer outros processos de trabalho, agregando experiência profissional e de vida – o que resulta na formação de profissionais críticos e reflexivos (BULGARELLI et al., 2014).

No que se refere aos usuários, observa-se uma maior satisfação destes com os serviços prestados onde há parceria com a Universidade, bem como a oportunidade de os estudantes conhecerem o SUS nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e Unidades de Saúde da Família (USF), integrando gestores, docentes, trabalhadores e usuários (PIZZINATO et al., 2012). A presença dos estagiários, estudantes de graduação no serviço de saúde, incorporou momentos de troca de saberes no sentido de tentar fazer diferente, trazer ideias, sair da acomodação e vivenciar uma experiência de trabalho em equipe (VASCONCELOS; STEDEFELDT; FRUTUOSO, 2016).

Diante desse contexto, o presente estudo se propôs a analisar a presença do estagiário, estudante de graduação em Odontologia, no período do estágio curricular em relação ao processo de trabalho da equipe de saúde multiprofissional na Atenção Primária à Saúde (APS). Dentro desta temática, é apresentada a percepção dos estudantes da graduação

em Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e dos cirurgiões-dentistas, preceptores do estágio curricular na APS desta Universidade.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Pesquisa de abordagem qualitativa, caracterizando-se como um estudo de caso (YIN, 2010) e que fez parte de um estudo maior, desenvolvido no Mestrado Profissional de Ensino na Saúde da Faculdade de Medicina da UFRGS, em 2014, intitulado ‘O preceptor cirurgião-dentista da Atenção Primária à Saúde na formação em Odontologia’ (ROCHA, 2014; ROCHA; WARMLING; TOASSI, 2016). Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (Parecer 427.171) e do Grupo Hospitalar Conceição (Parecer 457.703).

A pesquisa aconteceu no município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul e envolveu o curso de graduação em Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e os serviços de Atenção Primária à Saúde do SUS – Unidades Básicas de Saúde e Unidades de Saúde da Família – locais de realização do estágio curricular supervisionado do 9º semestre.

Foram convidados a participar da pesquisa todos os estudantes do último semestre da graduação em Odontologia (10º semestre), que já haviam concluído o Estágio Curricular Supervisionado nos serviços de APS e todos os preceptores desse estágio que preenchiam aos critérios de inclusão.

Em relação aos preceptores, foram utilizados como critérios de inclusão: ser preceptor cirurgião-dentista da APS, vinculado ao Estágio Curricular Supervisionado na Faculdade de Odontologia da UFRGS e estar recebendo estudantes de graduação em Odontologia há, no mínimo, um ano. Para ser preceptor, o dentista deve ter interesse em receber estudantes, e a equipe de saúde também deve consentir. Os campos de estágio são avaliados periodicamente pelos professores, assim como a atuação do preceptor. A inadequação a qualquer um dos critérios acima foi considerada como único critério de exclusão. A identificação dos preceptores foi realizada por meio de uma lista encaminhada pela coordenação do Estágio Curricular Supervisionado I da Odontologia. Todos os estudantes e preceptores que participaram do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A escolha dos entrevistados (estudantes e preceptores) foi intencional, seguindo para a definição do tamanho da amostra, o método da amostragem por saturação, ou seja, quando

se entendeu que novas falas passaram a ter acréscimos pouco significativos, em vista dos objetivos propostos pela pesquisa e tornam-se repetitivas, a coleta de dados foi encerrada (STRAUSS; CORBIN, 2008; TURATO, 2008).

A coleta de dados envolveu a realização de entrevistas semiestruturadas, as quais seguiram roteiro pré-testado, possibilitando a flexibilidade nas conversas e absorção de novos temas e questões trazidas pelo interlocutor, como sendo de sua estrutura de relevância (MINAYO, 2010).

A questão disparadora estruturante da entrevista foi: “Como você (estudante ou preceptor) percebeu a presença do estudante de graduação em Odontologia no período do estágio em relação ao processo de trabalho da equipe de saúde?”

As entrevistas foram realizadas de modo individual, gravadas por equipamento de áudio e transcritas na íntegra. Todas as transcrições foram devolvidas aos entrevistados para que pudessem lê-las, verificando se estavam de acordo com as ideias apresentadas e, se julgassem necessário, modificassem ou complementassem seus relatos. Ao final, 10 preceptores e mais 10 estudantes de Odontologia participaram do estudo (n=20).

O conteúdo textual das entrevistas foi interpretado por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 2011).

3 O ESTAGIÁRIO, ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO, NA EQUIPE DE SAÚDE

Da análise do material textual das entrevistas com os estudantes de Odontologia e preceptores cirurgiões-dentistas trabalhadores da Atenção Primária à Saúde (APS) emergiram cinco categorias (Quadro 1), as quais buscaram o diálogo constante entre narrativas e referenciais teóricos.

Quadro 1 – Unidades de análise (categorias emergentes) da pesquisa.

CATEGORIA 1	O estagiário trazendo novos conhecimentos e embasamento teórico à equipe de saúde
CATEGORIA 2	O papel questionador do estagiário na equipe de saúde: a busca de conhecimentos, soluções e reflexões
CATEGORIA 3	O estagiário fazendo parte da equipe: do aluno ao profissional da saúde
CATEGORIA 4	Estagiários potencializando o cuidado em saúde bucal: contribuições do estagiário para a equipe de saúde bucal
CATEGORIA 5	Os desafios da integração do estagiário com a equipe de saúde: características da equipe e perfil do estudante

3.1 O ESTAGIÁRIO TRAZENDO NOVOS CONHECIMENTOS E EMBASAMENTO TEÓRICO À EQUIPE DE SAÚDE

Os estágios supervisionados na APS têm sido referidos na literatura como sendo de grande importância para a vivência do processo de trabalho nos serviços do SUS (WARMLING et al., 2011; TOASSI; DAVOGLIO; LEMOS, 2012; TOASSI et al., 2013). Os estudantes da área da saúde, de modo geral, ainda saem da Universidade para realizar seus estágios, tendo grande valorização de procedimentos técnico-assistenciais (SILVEIRA; GARCIA, 2015), com a experiência da vivência clínica em condições de excelência e tecnologia de ponta, todavia, carentes da aproximação com a realidade dos serviços de saúde no Brasil. Com o estágio na APS, os estudantes têm a oportunidade de vivenciar a realidade da vida das pessoas em seus territórios.

Conforme Leme et al. (2014), a experiência do estágio em serviços de APS é considerada positiva pelos estudantes para a sua formação profissional, pois há valorização da vivência prática nos serviços, conhecimento da realidade da comunidade, o contato com profissionais de outras áreas, e o treinamento técnico em condições diferentes das vivenciadas na faculdade. Já estudo de Santos et al. (2013) mostrou que o estágio oportunizou a vivência prática do funcionamento, organização e gestão do SUS para os estudantes de graduação, colaborando para a formação de profissionais menos tecnicistas e mais humanistas, além de possibilitar o conhecimento da realidade da comunidade, a integração/vivência multiprofissional, o aprendizado clínico e a realização de procedimentos não realizados na Universidade, com melhoria da autoconfiança e autonomia na realização de atividades. Para os estudantes, o estágio influenciou positivamente para que eles tivessem uma formação em saúde mais humanista, integral, crítica e reflexiva, de acordo com o proposto pelas DCN.

[...] eles trazem um embasamento que a gente não tem. Um embasamento teórico. Trazem coisas novas para a gente discutir e eu acho que sempre acrescenta. A gente aprende muito e também, como foi colocado ontem na reunião, até uma oxigenação da gente que é formado há mais tempo. Uma atualização constante de materiais, de técnicas. Então tudo a gente discute e a gente aprende muito também. Essa troca é importante. (Preceptor 6)

[...] é sempre bom ter aluno, claro que orientado pelo preceptor, que a gente sempre consegue levar uma coisa nova e assim como a gente observa o preceptor a atender, acho que ele também nos observa e acaba tirando alguma coisa... uma troca...além da gente levar conhecimentos novos, como ainda estamos na Faculdade, alguma coisa que eles (os preceptores) não aprenderam. (Estudante 3)

[...] a presença do aluno do serviço é um processo de educação permanente porque ele tem que estar sempre capacitado para oferecer o melhor atendimento, porque a gente sai daqui [Universidade] sempre com a melhor técnica e o melhor procedimento. (Estudante 5)

[...] nós estamos aprendendo o que existe de mais novo na Universidade, como o dentista que está lá na ponta e se formou um pouco antes, apesar de existir a educação continuada e todo aquele processo, acaba que às vezes alguma coisa nova a gente acaba levando. E eles com a experiência acabam contribuindo e dizendo se aquilo ali realmente é possível de ser utilizado na vida real. (Estudante 1)

Neste estudo, o foco não é a formação do estudante a partir do estágio, mas sim, o que a presença do estudante no cotidiano das ações de saúde oportuniza à equipe que recebe esse estagiário, estudante de graduação. Tanto nos relatos dos preceptores quanto dos estudantes fica evidenciado que a experiência nos serviços na APS favorece a atualização de conhecimentos e técnicas da equipe de saúde e do estudante, oportunizando uma troca mútua de conhecimentos e aprendizagens entre o estagiário e os profissionais que compõem esta equipe.

3.2 O PAPEL QUESTIONADOR DO ESTAGIÁRIO NA EQUIPE DE SAÚDE: A BUSCA DE CONHECIMENTOS, SOLUÇÕES E REFLEXÕES

O papel questionador do estagiário, estudante de graduação, que instiga novos modos de fazer o trabalho em equipe, propõe novas soluções, desacomoda o *modus operandi* dos trabalhadores do SUS em seu processo de trabalho. Foi um dos ganhos importantes apontados pelos preceptores a partir da presença do estagiário nos serviços de APS.

Então esta troca é muito importante e isso que a gente tira de maior benefício do aluno, nós temos que buscar conhecimento mais ainda, muitas vezes a gente se acomoda e não busca e ele instiga que a gente faça isso. Estas discussões são muito produtivas por isso, a gente vai ter que buscar. (Preceptor 1)

Quando a gente tem um aluno, um estagiário em odontologia e todos os que eu já tive foi assim e apesar dos perfis diferentes, mas todos os que eu tive eles sempre tinham alguma coisa que me fizessem sair de uma possível zona de conforto. Eles sempre me traziam alguma questão, seja sobre o processo de trabalho, seja sobre a prática clínica, seja sobre a gestão do serviço, enfim, seja sobre qualquer assunto do contexto do estágio, todo o estagiário que eu recebi me trouxe alguma coisa que me fez pensar, me fez refletir, me fez estudar, me fez conversar com os meus colegas de equipe. (Preceptor 10)

A presença dos estagiários, nos serviços de saúde, incorpora momentos de troca de saberes no sentido de tentar fazer diferente, trazer ideias, sair da acomodação e vivenciar uma experiência de trabalho em equipe (VASCONCELOS; STEDEFELDT; FRUTUOSO, 2016).

Outro aspecto apontado pelos preceptores é que o estagiário recém chegado na Unidade de Saúde não tem os ‘vícios’ dos trabalhadores que atuam mais tempo naquele serviço. Nesse sentido, o estudante, por vir do espaço universitário externo ao serviço, consegue observar com maior facilidade as especificidades do processo de trabalho, chamando a atenção e muitas vezes até questionando situações que passam despercebidas pelos profissionais que lá atuam. É um estudante que problematiza e instiga a equipe a repensar o fazer saúde com suas ideias, podendo sugerir melhorias para os serviços, qualificando-os. A facilidade de observação dos estudantes foi destacada pelos preceptores.

O aluno muitas vezes como ele vem de fora, ele consegue observar com maior facilidade alguns problemas que existem no serviço e que passam despercebidos pelos olhos dos profissionais. O aluno vem com uma ideia, daí a gente diz que isso já foi feito, então quer dizer que se já foi feito e ele está observando quer dizer que o problema continua ali e que não foi resolvido. Então, por serem pessoas novas no serviço e estão tendo uma vivência muito nova e não têm os vícios do serviço, eles conseguem observar os problemas com muita facilidade. Eles observam muito fácil. Problemas que estão nítidos e que muitas vezes tentamos administrar, muitas vezes não conseguimos e vamos nos acomodando. Ele enxerga e vê que aquilo está interferindo no fluxo da unidade. É uma visão muito qualificada, vamos dizer assim, do problema e isso acaba vindo à tona, acaba se tornando discussões para as nossas reuniões de equipe: ‘olha foi observado isso pelo aluno’ [...]. (Preceptor 1)

Os estagiários acabam fazendo perguntas que te obrigam a ir atrás e eu acho que é muito bom, para mim é muito bom enquanto pessoa, enquanto dentista, eu sempre aprendo com eles mais algumas coisas porque eles vêm com um gás diferente, eles te dão um gás extra, gente nova, sangue novo, ideias novas e também uma coisa que não é fácil lidar é ver alguém de fora e geralmente aponta as falhas, mas isso também pode ser um ganho, acho que é isso, vir alguém de fora que possa te dizer, ‘olha, eu tenho uma outra ideia, uma outra opinião, não estou vendo isso da mesma forma que tu’, mas isso não é uma coisa fácil, mas acho que é um ganho grande...e eles agitam as equipes também e os usuários. (Preceptor 8)

Esta mesma percepção foi observada por Alves et al. (2012), avaliando o estágio supervisionado na APS do curso de Odontologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A aprendizagem nos serviços proporcionou um espaço de troca entre estudante e profissional, favorecendo a chegada de novas ideias e práticas que ressignificam o trabalho do profissional. As aprendizagens, nesses cenários de prática, contribuíram para a formação dos futuros profissionais, despertando os trabalhadores da equipe para uma reflexão crítica do serviço, no sentido de buscar soluções para os reais problemas de saúde. A prática clínica contribui para a troca de conhecimentos.

3.3 O ESTAGIÁRIO FAZENDO PARTE DA EQUIPE: DO ALUNO AO PROFISSIONAL DA SAÚDE

Para os preceptores, o convívio entre estagiários da Odontologia e equipe de saúde bucal leva, naturalmente, à inserção do aluno de graduação à equipe. Em relação aos outros profissionais que a integram, essa relação com o estagiário é construída ao longo da experiência, na convivência do dia a dia com estes profissionais, no trabalho ‘vivo’, em ato, onde o estudante se engaja no cotidiano do serviço e participa de decisões como parte da equipe.

Para mim era uma parte da equipe de saúde bucal. Não era um mero aluno, um aluno a mais. Ele fazia parte da equipe tanto é que, praticamente quase todos tiveram um bom convívio com o resto da equipe e isso era muito bom. Por exemplo, eu tive alunos que fizeram campanhas para exame citopatológico. Alunos da odontologia. Eles tinham que escolher um tema e a gente viu que lá como era com enfermeiro, um homem, havia resistência. As pessoas eram muito resistentes e toda a equipe trabalhava junto para mudar essa situação e os alunos também se engajaram nessa jornada. (Preceptor 5).

A minha percepção é de que as equipes que atravessaram esse processo sempre tiveram uma boa aceitação. Seja pelo perfil dos próprios alunos. Nunca tive um problema com aluno. Sempre tive alunos interessados, que contemplaram os objetivos do estágio. Sempre muito interessados, muito queridos assim com a equipe. Engajados. (Preceptor 10)

Ganhos importantes também foram observados para o fortalecimento do processo de trabalho da equipe, quando o estudante demonstra dedicação e motivação no serviço, conseguindo estabelecer vínculos com a equipe e com os usuários. O estagiário tem um olhar diferente dos profissionais que atuam no serviço, mostrando-se, muitas vezes, dedicado, carinhoso e estimulado para o cuidado em saúde.

[...] eu avalio muito bem, assim, acho que é ótimo para todo mundo, para o serviço, para os profissionais, os alunos, a Universidade e para o usuário também, é um outro olhar, às vezes até os estagiários acabam tendo uma dedicação maior, o aluno às vezes tem mais tempo, mais motivação, conseguem fazer vínculos com os pacientes, acabam de alguma forma aumentando a oferta porque dependendo, talvez não teria um outro dentista naquele momento ali e também a possibilidade de poder ter contato com outros profissionais, sempre é positivo. (Preceptor 9)

Eles [os estagiários] se relacionam todos muito bem com a equipe. Eles são bem vistos assim. Tem um carinho, alguns a gente vai na formatura ou depois alguém faz aniversário e eles participam. Eles acabam ficando amigos da gente. (Preceptor 7)

Eles [os estagiários] têm uma vontade de trabalhar, de aprender é muito grande. Eu estava comentando ontem que parece que a gente não vai ter alguém que melhore o que foi o estagiário anterior, mas melhora. Eles sempre trazem novidade, trazem um jeito diferente de ser ou, ou um jeito mais carinhoso ou mais delicado, ou um jeito mais ágil. Cada um com a sua característica, mas sempre acrescentam. (Preceptor 6)

Toassi, Davoglio e Lemos (2012) e Baumgarten e Toassi (2013) observaram que a presença dos estudantes nos serviços acarreta, gradualmente, uma mudança positiva na rotina

desse serviço e nos próprios estudantes. E que participar do trabalho em equipe na APS proporciona o reconhecimento dos estudantes como trabalhadores do sistema público de saúde. Já estudo de Bulgarelli et al. (2014) mostrou que a vivência no estágio na APS traz a possibilidade, aos estudantes de graduação, da superação de conceitos negativos quanto ao SUS, despertando seu interesse em trabalhar futuramente nos serviços de saúde pública. Em ambos os estudos, o estágio tinha uma característica de imersão junto aos serviços de APS nos quais os estudantes permaneciam 20 horas semanais no cenário de prática, o que também foi observado no estágio estudado nesta pesquisa.

3.4 ESTAGIÁRIOS POTENCIALIZANDO O CUIDADO EM SAÚDE BUCAL: CONTRIBUIÇÕES DO ESTAGIÁRIO PARA A EQUIPE DE SAÚDE BUCAL

Os preceptores entendem que a atuação dos estagiários de Odontologia, nos serviços de APS, potencializa a atenção à saúde bucal oferecida aos usuários do SUS, em suas diferentes ações que vão desde o atendimento clínico no consultório, até visitas domiciliares, acolhimento, atividades coletivas e participação em campanhas de vacinação.

[...] querendo ou não é uma pessoa a mais fazendo um atendimento. Começa nessa parte assim de produção. Mas a gente consegue não só na produção, mas é no todo, é fazer visita, fazer coisas que eu não consigo fazer enquanto eu estou sozinha só com a minha auxiliar, então eu posso estar atendendo aqui, sai um aluno e vai com o auxiliar. Parece que eu me torno dupla ou tripla. Com mais tentáculos, porque produção é cadeira. A gente tem uma cadeira, então não é sempre que a gente consegue atender. Tu estás fazendo um acolhimento aqui, atendendo ali, fazendo uma atividade coletiva, então se torna uma coisa um pouco assim mais ampla. (Preceptor 2)

[...] então todos são beneficiados, porque a equipe sozinha não teria condições de fazer todo esse leque de ações. Por exemplo, uma vacinação do idoso, com um estagiário acompanhando e auxiliando de alguma forma, até nas anotações a gente consegue fazer de forma mais ágil. Os exames, a orientação de saúde bucal numa escola infantil, a gente consegue entre três ou quatro fazer muito mais do que sozinho. O benefício para comunidade é enorme. (Preceptor 6)

É importante destacar que a experiência do estágio nos serviços de APS não deve se limitar a um treinamento de agilidade ‘clínica tecnicista’, sendo fundamental que o estudante estagiário circule nos diferentes contextos do cuidado em saúde do cenário de prática, possibilitando a formação de competências que mobilizem sua autonomia para o processo de trabalho. Faz parte do papel do preceptor, inserir o estudante de Odontologia no contexto da APS e do SUS, estimulando o trabalho interdisciplinar em equipe multiprofissional, com

atividades não restritas somente ao núcleo da Odontologia, mas sim, ampliadas para o campo da saúde.

A equipe, no início tem essa dificuldade. Na USF o pessoal já estava acostumado com o estagiário então eles entendiam. A gente sempre tem que dizer para eles que o estágio não é somente atendimento clínico. Eles entendem que tem que ficar colado no preceptor e aí a gente faz esse trabalho de equipe de que ele, de que o estagiário circule em todos os campos, que acompanhem consultas com as enfermeiras, com os médicos, com os agentes de saúde, façam visitas domiciliares e não só ficar colado com o dentista. Então a equipe tem que entender que o estagiário pode circular, que foi a experiência que eu tive. Que circule por tudo e que não é uma pessoa que já é formada e que, que vai substituir o papel do dentista ali e que o dentista vai ficar sem fazer nada. Foi isso que aconteceu aqui. Eles entenderam que o estagiário podia ficar atendendo, assumir a odontologia e que eu podia fazer outras coisas. (Preceptor 3)

Os estudantes também percebem sua contribuição para o planejamento e desenvolvimento de ações em saúde oferecidas pela equipe de APS.

[...] eu acho que a gente teve uma contribuição junto com a saúde bucal, que a gente teve abordagens diferentes do que eles estavam tendo, a gente fez um grupo diferente que não tinha na Unidade, que era o grupo das gestantes. (Estudante 6)

[...] a gente tem uma atividade no estágio que é fazer algum planejamento e ação dentro do serviço; isso traz um ganho para o serviço. (Estudante 4)

Vale considerar que os pacientes atendidos durante o período do estágio pelos estudantes de graduação são os pacientes da agenda do dentista da UBS. Esses atendimentos são sempre supervisionados pelos preceptores e realizados na própria Unidade de Saúde. O encaminhamento de pacientes à Universidade, quando acontece, é feito em situações específicas, pontuais. De modo geral, os encaminhamentos para os atendimentos de média e alta complexidade seguem o fluxo da rede SUS do município de Porto Alegre.

3.5 OS DESAFIOS DA INTEGRAÇÃO DO ESTAGIÁRIO COM A EQUIPE DE SAÚDE: CARACTERÍSTICAS DA EQUIPE E PERFIL DO ESTUDANTE

Diferenças importantes foram percebidas nos processos de trabalho entre as equipes dos serviços de APS. Há Unidades que são caracterizadas como sendo Unidades de Saúde da Família (USF) e que seguimos preceitos da Estratégia de Saúde da Família, ou seja, delimitação de área de abrangência com adstrição de usuários, o que não ocorre nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) tradicionais, pois a demanda é espontânea ou encaminhada por outros serviços e há a presença de médicos de diferentes especialidades, enfermeiros, dentistas e pessoal de apoio técnico. A delimitação da área de abrangência se refere

exclusivamente às ações de vigilância em saúde, não havendo adstrição de usuários (ELIAS et al., 2006).

Tais diferenças entre o processo de trabalho e composição das equipes de uma USF e UBS podem ter influência no tipo de vínculo a ser estabelecido entre o estagiário e a equipe de saúde. Nesta pesquisa, um dos preceptores percebeu traços de desintegração da equipe de saúde bucal com a equipe multiprofissional na realidade de uma UBS, o que dificultou a inserção dos estagiários no contexto do trabalho em equipe.

Aqui é uma equipe diferente, porque começa que é uma UBS. Então assim, de manhã tem um pessoal e de tarde tem outro. Então já não existe uma muito uma equipe posta. Então, além de serem duas, aquela coisa da equipe que a gente tem da estratégia não existe. [...] cada uma faz seu trabalho. No máximo os técnicos de enfermagem interagem ali com os médicos e com as enfermeiras, mas aqui a odontologia é completamente separada. [...] Parece assim que eu voltei no marco zero e que está começando tudo de novo. Eu vou tentar agregar e mesmo assim o trabalho que vou tentar fazer aqui é diferente do que foi feito na estratégia, porque não existe essa coesão. Então, os alunos vieram. Eram dois guris e eles foram acolhidos pela equipe. Na hora de tomar um café, de conversar, o pessoal gostava deles. Mas nada de fazer um trabalho junto. Só uma enfermeira, que quando saía com esses residentes que vem e como ela faz VD, os guris saíam com ela. Mas não teve nada mais do que isso. (Preceptor 2)

Outro aspecto destacado pelos preceptores relacionou-se ao perfil do estudante de graduação que chega ao serviço, e da própria equipe de saúde. Os preceptores reconhecem os benefícios da integração entre estagiário e equipe, mas entendem que esta relação só se estabelece quando há um querer de ambos nesta efetiva interação.

As experiências acadêmicas intramuros, tanto de prática clínica, como a sua formação teórica, impactam a forma como este estagiário vê o SUS, como ele percebe a prestação dos serviços na APS inserida na realidade do país. A organização do trabalho, nos serviços de saúde, tem características diferenciadas em relação ao atendimento clínico realizado na Universidade com a supervisão de um professor. Na Universidade, o estudante está em processo de formação de habilidades clínicas, podendo atender ao longo de um turno até dois pacientes. Nos serviços de APS, há uma demanda maior de pacientes, com os quais deve-se estabelecer vínculos para o efetivo cuidado em saúde.

A forma como é pensado o currículo e, de modo especial, os estágios curriculares, contribui para a formação do perfil do estagiário. Warmling et al. (2011) descreveram o estágio supervisionado de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como forma de constituir experiências de educação no trabalho para os estudantes compreenderem as conformações das redes de atenção à saúde que compõem o SUS. Estes estágios, os quais

acontecem no último ano do curso – 9º e 10º semestre – ocorrem em cinco turnos semanais em serviços de APS e em serviços atenção especializada do SUS, incluindo o estudante de graduação em cenários de prática do SUS acompanhado por um preceptor cirurgião-dentista trabalhador do serviço. Há, ainda, um turno semanal em que os estudantes se concentram na Universidade sob a orientação de um tutor para realizarem debates, relatos de vivências, oficinas de integração ensino-serviço, palestras, entre outras atividades.

Em estudo recente, Luz e Toassi (2016) identificaram o preceptor como o profissional que integra o estudante à equipe de saúde e à rotina do serviço durante o período do estágio curricular supervisionado. Quando demonstrou ser receptivo ao estudante, inserindo-o no contexto do trabalho em equipe, ter competência didático-pedagógica e de comunicação, e segurança no trabalho, este preceptor foi percebido como um facilitador da aprendizagem, constituindo um modelo de trabalhador competente e de colega de profissão para os estudantes que estão em transição do mundo da Universidade para o mundo do trabalho.

Eu acho que depende muito da equipe. Depende muito do aluno. Depende muito da faculdade também de onde esse aluno vem. Se esse aluno consegue realmente se integrar com a equipe, trabalhar com ela, aprender com ela, a equipe inteira também aprende com o aluno. E traz benefício. Mas tem que permitir que essa interação aconteça se não, não há benefícios. E aí a equipe não consegue nem saber que o estagiário está ali. (Preceptor 4)

A fala do Preceptor 4 demonstra sua percepção sobre a influência dos perfis da equipe e do estagiário, bem como da faculdade de onde vem esse aluno, de um desejo mútuo de aprender. O processo de integração de ambos e a influência de suas vivências curriculares anteriores ao estágio irão trazer benefícios à equipe de saúde e aos usuários do SUS, sendo determinante para sua atuação nos cenários de prática.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de como o estagiário, estudante de graduação em Odontologia, inserido em um contexto de estágio de imersão no cenário de prática da Atenção Primária à Saúde (APS), mostrou que esse estudante pode afetar o processo de trabalho das equipes de saúde por trazer conhecimentos atualizados, propiciando uma atualização permanente dos trabalhadores do SUS; por instigar a equipe a repensar sobre o fazer saúde e pela busca da melhoria dos serviços para seus usuários (perfil observador e problematizador do estagiário); por

potencializar a resolutividade da atenção à saúde bucal oferecida aos usuários do SUS, em suas diferentes ações que vão desde o atendimento clínico no consultório até visitas domiciliares, acolhimento, atividades coletivas e participação em campanhas de vacinação.

Ganhos importantes foram observados para o fortalecimento do processo de trabalho da equipe quando o estudante está engajado e demonstra dedicação e motivação no estágio, conseguindo estabelecer vínculos com a equipe e com os usuários.

Os preceptores entendem que o convívio entre estagiários da Odontologia e equipe de saúde bucal leva, naturalmente, ao entendimento do aluno de graduação como parte desta equipe. Já em relação aos demais profissionais da equipe de saúde, essa relação com o estagiário é construída ao longo da experiência e vai depender do perfil do estudante de graduação que chega ao serviço, e da própria equipe de saúde. Os preceptores reconhecem os benefícios da integração entre estagiário e equipe, mas entendem que esta relação só se estabelece quando há um querer de ambos nesta efetiva interação. Diferenças entre o processo de trabalho e a composição das equipes de APS podem ter influência no tipo de vínculo a ser estabelecido entre estagiário e equipe de saúde, além de poder afetar a própria qualidade do estágio oferecido, o que inclui o processo de aprendizagem dos estudantes no cenário de prática e a diversidade de oportunidades de vivências no espaço dos serviços de saúde.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, V. S. et al. A Integração Ensino-serviço no Contexto dos Processos de Mudança na Formação Superior dos Profissionais da Saúde. **Rev. bras. educ. méd.**, Rio de Janeiro, v. 32, n.3, p. 356-362, 2008.
- ALMEIDA, A. B.; ALVES, M. S.; LEITE, I. C. G. Reflexões sobre os desafios da odontologia no Sistema Único de Saúde. **Rev. APS**, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 126-132, jan./mar. 2010.
- ALVES, L. A. et al. Integração ensino-serviço: experiência exitosa na atenção odontológica à comunidade. **Rev. bras. cien. saúde**, São Caetano do Sul, v. 16, n. 2, p. 235-238, 2012.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMGARTEN, A.; TOASSI, R. F. C. A formação do cirurgião-dentista no Sistema Único de Saúde: a produção do cuidado em saúde. **Rev. bras. pesq. saúde**, Vitória, v.15, n. 4, p. 117-122, out./dez. 2013.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Artigos 196-200. Brasília, DF, 1988.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES 3/2002**, de 19 de fevereiro de 2002. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia. Diário Oficial da União, Brasília, 04 de março de 2002. Seção 1, p. 10.

BULGARELLI, A. F. et al. Formação em saúde com vivência no Sistema Único de Saúde (SUS): percepções de estudantes do curso de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil. **Interface comun. saúde educ.**, Botucatu, v. 18, n. 49, p. 351-362, abr./jun. 2014.

ELIAS, P. E. et al. Atenção Básica em Saúde: comparação entre PSF e UBS por estrato de exclusão social no município de São Paulo. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 633-641, 2006.

IGLÉSIAS, A. G.; BOLLELA, V. R. Integração curricular: um desafio para os cursos de graduação da área da Saúde. **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 48, n. 3, p. 265-372, 2015.

LEAL, J. A. L. et al. Novos espaços de reorientação para formação em saúde: vivências de estudantes. **Interface comun. saúde educ.**, Botucatu, v. 19, n. 53, p. 361-371, 2015.

LEME, P. A. T. et al. Perspectivas de graduandos em odontologia acerca das experiências na atenção básica para sua formação em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1255-1265, 2014.

LUZ, W. L.; TOASSI, R. F. C. Percepções sobre o preceptor cirurgião-dentista da Atenção Primária à Saúde no ensino da Odontologia. **Rev. ABENO**, Brasília, v. 16, n. 1, p. 2-12, 2016.

MEYER, D. E.; FÉLIX, J.; VASCONCELOS, M. F. F. Por uma educação que se movimente como maré e inunde os cotidianos de serviços de saúde. **Interface comun. saúde educ.**, Botucatu, v. 17, n. 47, p. 973-985, out./dez. 2013.

MORITA, M. C.; HADDAD, A. E. Interfaces da área da educação e da saúde na perspectiva da formação e do trabalho das equipes de saúde da família. In: MOYSÉS, S. T.; KRIGER, L.; MOYSÉS, S. J. (Coord.). **Saúde bucal das famílias: trabalhando com evidências**. São Paulo: Artes Médicas, 2008. p. 268-276.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

PANÚNCIO-PINTO, M. P.; RODRIGUES, M. L.; FIORATI, R. C. Novos cenários de ensino: a comunidade e o território como espaços privilegiados de formação de profissionais da saúde. **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 48, n. 3, p.257-264, 2015.

PIZZINATO, A. et al. Integração Ensino-Serviço na Formação Profissional. **Rev. bras. educ. méd.**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, Supl. 2, p.170-177, 2012.

ROCHA, P. F. **O preceptor cirurgião-dentista da atenção primária à saúde na formação em odontologia: compreensão do papel e análise das características para a preceptoria**.

2014. 82 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Saúde). Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ROCHA, P. F.; WARMLING, C. M.; TOASSI, R. F. C. Preceptoria como modalidade de ensino na saúde: atuação e características do preceptor cirurgião-dentista da atenção primária. **Revista saberes plurais: educação na saúde**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 96-112, 2016.

RODRIGUES, C. R. C.; SILVA, M. A. M. O impacto dos cenários de prática propostos pelo Pró-Saúde na formação em odontologia. **Rev. ABENO**, Brasília, v.12, n. 2, p.219-226, 2012.

SANTOS, K. T. S. et al. Percepção discente sobre a influência de estágio extramuro na formação acadêmica odontológica. **Rev. odontol. UNESP**, Araraquara, v. 42, n. 6. p.420-425, 2013.

SILVA, M. A. M. et al. O Pró-Saúde e o incentivo à inclusão de espaços diferenciados de aprendizagem nos cursos de odontologia no Brasil. **Interface comun. saúde educ.**, Botucatu, v.16, n.42, p.707-717, jul./set. 2012.

SILVA, V. O.; SANTANA, P. M. M. A. Conteúdos curriculares e o Sistema Único de Saúde (SUS): categorias analíticas, lacunas e desafios. **Interface comun. saúde educ.**, Botucatu, v. 19, n. 52, p. 121-132, mar. 2015.

SILVEIRA, J. L. G. C.; GARCIA, V. L. Mudança curricular em Odontologia: significados a partir dos sujeitos da aprendizagem. **Interface comun. saúde educ.**, Botucatu, v. 19, n. 52, p. 145-158, abr. 2015.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TOASSI, R. F. C.; DAVOGLIO, R. S.; LEMOS, V. M. A. Integração ensino-serviço-comunidade: o estágio na atenção básica da graduação em odontologia. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 223-242, 2012.

TOASSI, R. F. C. et al. Teaching at primary health care services within the Brazilian National Health System (SUS) in Brazilian health care professionals' training. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 17, n. 45, p. 385-392, abr./jun. 2013.

TURATO, E. R. **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

VASCONCELOS, A. C. F.; STEDEFELDT, E.; FRUTUOSO, M. F. P. Uma experiência de integração ensino-serviço e a mudança de práticas profissionais: com a palavra, os profissionais de saúde. **Interface comun. saúde educ.**, Botucatu, v. 20, n. 56, p. 147-158, 2016.

WARMLING, C. M. et al. Estágios curriculares no SUS: experiências da Faculdade de Odontologia da UFRGS. **Rev. ABENO**, Brasília, v. 11, n.2, p. 63-70, 2011.

WERNECK, M. A. F. et al. Nem tudo é estágio: contribuições para o debate. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n.1, p.221-231, 2010.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamentos e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.